

Lídia e o rabino

Charles Kiefer

Depois que o rabino retornou ao apartamento, Lídia sentou-se no sofá da sala e não se levantou mais. Agora, somos dois sentados. O religioso lê em pé, como reza a tradição. Ela, ali sentada, confundida com o ar quase azul do ambiente, e eu, aqui, a escrever a nossa história. É muito parecida com a minha avó paterna, tem o rosto afilado, amarra os cabelos na nuca, fita o rabino com um olhar penetrante, inteligente e cínico. Sei que esta descrição é um clichê, mas, a despeito das críticas, permanecerá no texto. Quantas descrições de velhos de rostos afilados e olhares penetrantes terei encontrado em romances franceses e alemães? De que outra forma poderia descrever o rosto afilado, o olhar penetrante, inteligente e cínico de minha avó? Ou de Lídia? Se eu trocasse o primeiro adjetivo por uma comparação apenas estaria substituindo lugares-comuns. Que outro símile fundiria inteligência e cinismo? Não será sempre o cinismo uma condição da inteligência? Fique, então, a enfiada de adjetivos, que só eles dão conta do que desejo dizer – que Lídia contempla o quadro com um olhar penetrante, inteligente e cínico, enquanto eu me torturo em dar significação ao vazio. Há algo que sempre se perde na descrição, algo que se esfuma na tentativa do verbo de dizer a coisa. Lídia jamais estará onde está, mas está. Eu já não estou nos adjetivos que usei para

materializá-la, e estou. Sou tão outro quanto ela.

Antes, a cozinha era o território de Lídia. As onze da noite, e sempre no mesmo horário, eu podia ouvir os estalidos da porcelana contra o balcão de mármore, o tinir dos copos, o choque de pratos e talheres. No princípio, apurava os ouvidos. Um caminhão não teria passado na avenida e sacudido o prédio, naquele exato instante? Um ônibus? Um leve tremor de terra? Depois, acostumei-me com o hábito incansável e pontual de Lídia de preparar, tardiamente, a janta. Embora constantes, os ruídos não repetiam um padrão, nem uma frequência. Havia, sim, um momento de começar, e a hora era exata, e tudo acabava, em geral, treze minutos depois. Mas, durante esse intervalo, os timbres variavam, e – de um dia para o outro –, não se repetiam. Às vezes, eu ouvia a batida de uma frigideira contra a treliça de metal do fogão; outras, era a leiteira de alumínio que tina; noutras ainda, era um copo que se partia com estardalhaço, ou uma panela que despencava da estante, ou a porta do refrigerador que se escancarava sozinha. No dia seguinte, com a intimidade que o longo convívio propicia até mesmo às empregadas, Zulmira repreendia-me por ter deixado a geladeira aberta outra vez. – Mais uma xícara de porcelana, doutor Aluísio? – queixava-se na semana seguinte, como se a destruição dos

meus pertences a prejudicasse. Certifiquei-me com o zelador se os vizinhos não usavam furadeiras, martelos ou outros objetos capazes de fazer vibrar o prédio às onze horas da noite. Garantiu-me que não, que o horário de silêncio era rigorosamente respeitado. Meteu-se a contar-me de um morador festivo, cujas visitas, *rapazes*, pasmava-se o homem, costumavam ser ruidosas. Felizmente, o transgressor fora expulso do prédio, em reunião-extraordinária, convocada pelos condôminos para aquele fim.

Depois de semanas de investigações pelos arredores, em busca das ondas de choque que podiam estar gerando a cinese em minha cozinha, o porteiro contou-me, por acaso, como se dera a morte de Lídia, em pleno supermercado da esquina.

– Pagou a conta, mas não chegou a carregar os pacotes – ele disse, rindo. “Por que não conseguiu levar as compras pra casa, o espírito dela não consegue deixar a cozinha”, explicou-me um amigo espírita.

Agora, Lídia está ali, sentada no sofá, com a espinha reta, o queixo arremetendo orgulhosamente para a frente, os lábios entreabertos, num sorriso sutil. Mantém a pose de oligarca, e nem sabe que é inútil. Não se move, concentrada no mesmo ponto – o ângulo na parede aonde dependurei a pintura. A tela, de cores frias, preto, marrom, pastel, creme e cobre, é simples. Dessa simplicidade aparente de que se vestem as obras verdadeiras, as obras profundas, que não necessitam de fogos de artifícios para luzir. Reclinado sobre o Livro, o rabino lê, com os ombros recobertos pelo talit, a cabeça protegida pelo *kipá*. Em sua testa, como uma lâmpada de mineiro a iluminar as entranhas da terra, dependura-se o *tefilin*. Explico ou não explico os três substantivos iídiches? Ah, que o leitor colabore com a composição do narrado, que o empobreça ou o enriqueça a seu arbítrio. De qualquer forma, por mais perfeita que fosse a minha descrição, não seria capaz de reconstituir na mente de quem lê as nuances, os tons de luz, o ar sereno e apaziguado do rabino que ambos contemplamos, eu e Lídia.

Assim que mudei para cá, depois de comprar o apartamento dos familiares da morta, fui tomado por uma estranha vontade de mobiliá-lo à antiga. Uma vontade exótica, reconheço, uma

vontade extemporânea, pois sou avesso a tudo que lembre decadência, mofo e velhice. Meus críticos dirão que é compreensível, dados meus sessenta e tantos anos, e minha doença. Enganam-se. Desde a juventude tenho paixão pelas modernidades. Resisti ao desejo das velharias e povoei as vastas dependências do apartamento com móveis de ferro, vidro e vime. Cedi, no entanto, à idéia de ilustrar as paredes com pinturas a óleo.

Iniciei uma peregrinação estafante pelas galerias de arte da cidade. Abarrotadas, todas, com peças inconsistentes, sem nenhum valor de culto. Úteis, sim, para atenuar cores de paredes, reforçar a luz de ambientes, executar algum paralelismo com as arestas de uma estante, mas descartáveis. Eu queria algo que tivesse aura, energia, que lembrasse, ainda que vagamente, a permanência, algo que abrisse uma clareira no mundo, que obrigasse o espectador a diminuir o ritmo e a angústia. Enfim, numa loja de antiguidades, encontrei o rabino, que hoje dá a minha sala este ar de quietude e repouso.

Lídia sorri,
o rabino lê
e eu escrevo.

Agora, estamos felizes, os três. Antes, não era assim. Lídia penava pela casa, o rabino mofava num antiquário e eu flanava sem parar, em busca de uma história. Para mim, que sou escritor, esta é própria imagem da paz – um homem de barbas brancas, sob um teto aquecido, a ler.

Uma doença degenerativa consome, aos poucos, os meus órgãos e já não vivo sem a dezena de remédios que sou obrigado a tomar. Sou um animal arrastado pela enchente. Ou é assim que me sinto, logo que acordo. Depois do banho, devidamente medicado, sento-me aqui a contemplar a tela e a correnteza perde a força.

Antes do retorno do rabino, eu lia, à noite, mas não conseguia escrever, sentia-me bloqueado, tão bloqueado quanto a porta secundária da cozinha, encoberta por dezenas de pacotes de livros de minha autoria, recebidos como prestação de direitos autorais. Uma impiedosa autocrítica abortava as minhas frases antes que chegassem ao ponto final.

Ontem, passei a mão na barba do rabino e fiz-lhe um pedido:

– Dá-me um conto.

O texto, que estou produzindo agora, enquanto Lídia sorri, é uma das páginas que o rabino, sereno, lê. No texto, também está escrito que eu e Lídia evitemos as mesmas peças do apartamento, felizmente antigo e grande, bem maior que as nossas necessidades. Herança, imóvel gravado. Terras de meu pai, na fronteira, que se transformaram em pouco mais que uma centena de metros quadrados nesta antiga e decadente avenida de Porto Alegre. Do campo e do passado, herdei também os erres carregados e o vício do chimarrão. Às vezes, apesar da proibição, ou porque saio com muita rapidez do banheiro, ou porque Lídia calcula mal o tempo, desacostumada a sua nova condição, surpreendo-a no corredor, a mirar, taciturna, a galeria de fotos. Sei que se desilude – ela queria ver ali os próprios filhos, que retornaram à Itália, ou os netos, ou suas próprias lembranças de viagens, fotos dos bailes no Clube do Comércio, fotos dos passeios pela Redenção, mas o que encontra nas paredes são os restos da minha vida.

No dia da mudança, encontrei uma caixa – esquecida ou abandonada de

propósito – na sacada. Não resisti à tentação de bisbilhotar. Entre revistas antigas, perfuradas por traças, havia dezenas de fotos dos velhos moradores. Como o passado é a nossa única posse inalienável, telefonei ao filho de Lídia, de quem comprei o apartamento.

– Joga no lixo – ele me disse, áspero. Não o obedeci e guardei a caixa na despensa. Creio que Lídia não sabe disso. Nunca a ouvi mexer nas quinquilharias do quarto dos fundos. Ao que parece, os espíritos não são clarividentes. À Lídia lhe foi dado o poder sobre os objetos da cozinha, e só. E talvez um pouco de telepatia. Explico. E isto explicará por que estamos os três, agora, reunidos. No dia em que localizei o rabino, depois de entregar ao antiquário os cinco cheques do pagamento, ele devolveu-me um deles e pediu-me que escrevesse, no verso, o número de meu telefone e endereço.

– Comprei um lote de antiguidades nesse endereço, no ano passado. O quadro do rabino fazia parte dele... – espantou-se o homem, depois que devolvi o cheque com as informações solicitadas.

